

A tarefa da nova evangelização

Chegar a iluminar todos os ambientes com a luz de Cristo é o grande desafio que temos por diante. Assim, todas as circunstâncias nas que se desenvolve a nossa vida diária tomarão nova força e sentido através do encontro com o Senhor.

06/01/2014

Com o Ano da fé, Bento XVI quis “introduzir o complexo eclesial inteiro num tempo de particular

reflexão e redescoberta da fé” [1]. Trata-se de um convite para considerar o que é crer, o que é ser cristão, para que sejamos mais conscientes da grandeza do dom da fé e assim realizemos uma nova evangelização. Nova evangelização que já promoveram o venerável Paulo VI e o beato João Paulo II, e que responde a uma necessidade objetiva, pois em muitos países de cultura tradicionalmente cristã “grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho” [2].

O beato João Paulo II assinalava que esta situação era um novo desafio para a Igreja. Com efeito, “não parece justo equiparar a situação de um povo que nunca ouviu falar em Jesus Cristo, com a de um outro que o conheceu e aceitou, mas depois o

rejeitou, embora continuando a viver numa cultura que absorveu em grande parte os princípios e valores evangélicos” [3]. Num contexto assim, há que levar a cabo uma “nova Evangelização” ou “reenvagelização”[4]. A criação do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, ou o passado Sínodo dos Bispos sobre a *Nova Evangelização da fé cristã*, são sinais claros de um empenho para levar o Evangelho a umas sociedades marcadas, em muitos aspectos, pelo secularismo e o relativismo.

Responsabilidade de todos

Depois da ressurreição, Jesus enviou seus discípulos, fazendo-os participantes de sua própria missão: **como o Pai me enviou, assim também eu vos envio**[5]. Com a força do Espírito, os apóstolos e os primeiros cristãos cumpriram esse mandato: em poucos anos,

estenderam a mensagem evangélica por todo o orbe conhecido. “*Eram poucos, faltavam-lhes meios materiais, não contavam nas suas fileiras – assim foi, pelo menos, durante muito tempo – com grandes pensadores ou pessoas de prestígio público. Desenvolviam-se num ambiente social de indiferentismo, de falta de valores, semelhante – em muitos aspectos – ao que agora temos de enfrentar (...). Aqueles primeiros souberam, com o seu comportamento, fazer brilhar diante dos seus concidadãos essa claridade salvadora e se converteram em mensageiros de Cristo – com simplicidade e naturalidade, sem alardes – com a coerência entre a sua fé e as suas obras*” [6].

A nova evangelização incumbe a todos, Cristo também pede a cada um de nós que preguemos **o Evangelho a toda a criação**[7]. Cada cristão, em virtude do batismo, tem a

responsabilidade de ser testemunha do Deus vivo, pois **nos é impossível calar sobre o que temos visto e ouvido**[8]. Cada cristão é outro Cristo, enquanto identificado com Ele pela graça e pela correspondência pessoal, e está chamado a “modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” [9].

Todos temos o dever e o direito de evangelizar, cada um segundo o seu próprio papel na Igreja. *“Que grande trabalho temos pela frente! Com humildade, com afã pessoal de santidade, devemos aproximar-nos das pessoas, acima de tudo, com o nosso exemplo. Sejamos conscientes de que o esforço por nos comportarmos como cristãos coerentes – apesar das nossas misérias pessoais – faz parte da luz*

que o Senhor deseja acender no mundo. Não tenhamos medo de chocar com o ambiente, nos pontos incompatíveis com a fé católica, mesmo que essa atitude possa nos trazer inclusive prejuízos materiais ou sociais” [10].

Além disso, mesmo que em alguns aspectos pareça que nos encontramos numa situação similar à de nossos primeiros irmãos na fé, não podemos esquecer que, em comparação com eles, “a época que vivemos oferece, neste campo, novas oportunidades à Igreja: a queda de ideologias e sistemas políticos opressivos; o aparecimento de um mundo mais unido, graças ao incremento das comunicações; a afirmação, cada vez mais frequente entre os povos, daqueles valores evangélicos que Jesus encarnou na sua vida: paz, justiça, fraternidade, dedicação aos mais pequenos; um tipo de desenvolvimento econômico

e técnico sem alma, que, em contrapartida, está criando necessidade da verdade sobre Deus, o homem e o significado da vida” [11].

Diante de nós se abre um imenso panorama, pois muitos estão buscando o sentido de sua vida, um sentido que só lhes pode dar o encontro com Cristo. É a nossa vida ordinária – sem espetáculo – a que lhes pode anunciar integralmente o Evangelho, a que lhes pode permitir descobrir a força de Jesus Cristo, **a quem Deus fez para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção**[12]. Depois teremos que ajudar àqueles que descobrem ou redescobrem Cristo a perseverar na decisão de segui-Lo, oferecer-lhes a formação humana, intelectual e espiritual oportuna.

Com as armas da oração, da caridade e da alegria

Em mais de uma ocasião, São Paulo exorta os cristãos a revestir-se da armadura de Deus. O mesmo apóstolo exemplifica esse interior redescobrimento dos filhos de Deus, quando ensina que - **orando em todo o tempo movidos pelo Espírito**[13] – hão de “se armar” com o cinturão da verdade e a couraça da justiça e empunhar o escudo da fé e a espada do Espírito[14]. Quem nasce de novo pelo batismo, tem de comportar-se com entranhas de misericórdia, de humildade, de caridade[15]. Tais disposições e condutas permitiram aos primeiros cristãos transformar o mundo. Nestes começos do terceiro milênio, usando essas mesmas armas, a oração e a caridade, temos de realizar a nova evangelização.

Antes de tudo com a oração.

Perseverai na oração[16]. **Tudo quanto pedirdes com fé na oração o receberéis**[17]. Se não buscássemos a fortaleza e a eficácia

na intimidade com Cristo *no Pão e na Palavra***[18]**, onde a encontraremos? São Josemaria não se cansava de repetir que **a arma do Opus Dei é a oração**, e essa lição que aprendemos a praticar, também convertendo o trabalho em oração, temos de transmiti-la com paixão e dom de línguas em todos os ambientes. A oração é o fundamento e o ponto de partida de todo o apostolado.

Católico sem oração?... É como um soldado sem armas.**[19]** Uma nova evangelização, sem apoio firme e constante na oração? Uma utopia. **A oração é a arma mais poderosa do cristão. A oração nos faz eficazes. A oração nos faz felizes. A oração nos dá toda a força necessária para cumprir os mandatos de Deus****[20]**. O apostolado, seja qual for, é uma **superabundância da vida interior**, e em consequência, **se queremos ajudar os outros, se pretendemos sinceramente animá-los a**

descobrir o autêntico sentido do seu destino na terra, é preciso que nos alicercemos na oração[21].

E junto à oração, contamos com a arma da caridade, ***que é o sal do apostolado dos cristãos[22].*** Nisto **conhecerão todos que sois meus discípulos, se tendes amor uns aos outros[23].** Os primeiros cristãos deslumbraram muitos dos seus concidadãos, atraindo-os a Cristo e à Igreja, com a finura de sua caridade. A Igreja foi enviada para manifestar o amor de Deus, e tem de realizar a sua atividade sob o sinal da caridade, com a força do amor. Isto se refere também a qualquer ação apostólica pessoal ou coletiva dos cristãos e, mais concretamente a nova evangelização. “Hoje, como outrora, Ele envia-nos pelas estradas do mundo para proclamar o seu Evangelho a todos os povos da terra (cf. Mt 28, 19). Com o seu amor, Jesus Cristo atrai a Si os homens de cada

geração” [24]. Com caridade, se transmite a alegria, que é outro sinal de vida cristã autêntica: **vos tenho dito isso para que a minha alegria esteja em vos e vossa alegria seja completa**[25]. Com efeito, *onde está o Senhor sempre se goza de paz e de alegria, ainda que a alma se sinta em carne viva e rodeada de trevas*[26]. O apostolado cristão pode ser chamado de apostolado de ser feliz e fazer felizes os outros. Já naquelas primeiras comunidades cristãs, que gozavam da simpatia de todo o povo, reinava **essa alegria e simplicidade de coração**[27] que sempre cativava. E, com a graça de Deus, muitos se incorporaram à Igreja.

Paulo VI falava da alegria de evangelizar na encíclica *Evangelii nuntiandi*, e Bento XVI escreve sobre “uma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé”, pois, “com efeito, a

fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos” [28]. **Em todos os ambientes**

Esta nova evangelização deve ser levada a cabo com o exemplo de caridade e alegria de cristãos bem formados, capazes de projetar a luz de Cristo e o sentido da humanidade. *Cristo, ao morrer na Cruz, atrai a Si a criação inteira; e, em seu nome, os cristãos, trabalhando em meio ao mundo, hão de reconciliar todas as coisas com Deus, colocando Cristo no cume de todas as atividades humanas*[29]. O cristão não está chamada *uma vida dupla: a vida*

interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas. (...). Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser — na alma e no corpo — santa e plena de Deus, desse Deus invisível, que nós encontraremos nas coisas mais visíveis e materiais[30].

Chegar a iluminar todos os ambientes com a luz de Cristo é o grande desafio que temos por diante. Assim, todas as circunstâncias nas que se desenvolve a nossa vida diária tomarão nova força e sentido através do encontro com o Senhor. Não se trata de fazer nada especial, pois o apostolado *não é coisa diferente do trabalho de todos os dias; confunde-se com esse mesmo trabalho, convertido em ocasião de um encontro pessoal com Cristo[31].* Como? **Com naturalidade, com simplicidade, vivendo cada qual como vive, no**

meio do mundo, entregue ao seu trabalho profissional e ao cuidado da família, participando das aspirações nobres dos homens, respeitando a legítima liberdade de cada um. Há já quase trinta anos, Deus pôs em meu coração o anseio de fazer compreender às pessoas de qualquer estado, condição ou ofício, esta doutrina: a vida corrente pode ser santa e plena de Deus; o Senhor chama-nos a santificar as ocupações habituais, porque também nelas se encontra a perfeição do cristão[32]. Ao mesmo tempo, é evidente que há âmbitos nos que é especialmente importante fazer escutar a voz de Deus: a investigação e o ensino, a moralidade pública, a instituição matrimonial e familiar, as novas tecnologias, etc.

Se nos empenharmos, contribuiremos na promoção de uma nova cultura, uma nova legislação, uma nova

moda que sejam coerentes com a dignidade do homem. Atualmente o mundo necessita que os cristãos sejam mais audazes, mais coerentes, mais vibrantes. Através de nossa amizade sincera e leal ajudaremos muitas pessoas a tomar consciência de sua condição de filhos de Deus, chamados a se identificar com Cristo. Lhes descobriremos o horizonte da santidade pessoal, de modo que eles mesmos contribuirão com suas próprias vidas para o desenvolvimento da missão da Igreja, pois *conhecer Jesus é (...) compreender que não podemos ter outro sentido para a nossa vida a não ser o da entrega ao serviço do próximo***[33]**. Neste Ano da fé, Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, nos concederá as graças que necessitamos para viver repletos de espírito apostólico e mobilizar a muitos para o serviço da nova evangelização.

J. Yániz

[1] Cf. Carta Apostólica *Porta Fidei*, 11-10-2011, n 9).

[2] Bem-aventurado João Paulo II, Litt. enc. *Redemptoris missio*, 7-12-1990, n. 33.

[3] Bem-aventurado João Paulo II, Litt. enc. *Redemptoris missio*, 7-12-1990, n. 37.

[4] Cfr. Bem-aventurado João Paulo II, Litt. enc. *Redemptoris missio*, 7-12-1990, n. 30.

[5] *Jo* 17, 18.

[6] D. Javier Echevarría, Carta pastoral por ocasião do “Ano da Fé”, 29-XI-2012, n. 11, em «Romana. Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei» 55 (2012/2), pp. 343-344.

[7] *Mc* 16, 15.

[8] *At* 4, 20.

[9] Venerável Paulo VI, Exort. apost. *Evangelii nuntiandi*, 8-XII-1975, n. 19.

[10] D. Javier Echevarría, Carta pastoral por ocasião do “Ano da Fé”, 29-XI-2012, n. 9, em «Romana. Boletín de la Prelatura de la Santa Cruz y Opus Dei» 55 (2012/2), pp. 343-344.

[11] Bem-aventurado João Paulo II, Litt. enc. *Redemptoris missio*, 7-12-1990, n. 3.

[12] *1 Cor* 1, 30.

[13] *Ef* 6, 18.

[14] Cfr. *Ef* 6, 14-17.

[15] Cfr. *Col* 3, 12-14.

[16] *Col* 4, 2.

[17] *Mt* 21, 22.

[18] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 118.

[19] São Josemaria Escrivá, *Sulco*, n. 453.

[20] São Josemaria Escrivá, *Forja*, n. 439.

[21] São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 239.

[22] *Ibidem*, n. 234.

[23] *Jo* 13, 35.

[24] Bento XVI, Carta apost. *Porta fidei*, 11-X-2011, n. 7.

[25] *Jo* 15, 11.

[26] San Josemaría Escrivá de Balaguer, *Es Cristo que pasa*, n. 77.

[27] Cfr. *At* 2, 46.

[28] Bento XVI, Carta apost. *Porta fidei*, 11-X-2011, n. 7.

[29] São Josemaria, Questões atuais do cristianismo, n. 59.

[30] São Josemaria, Questões atuais do cristianismo, n. 114.

[31] São Josemaria, Amigos de Deus, 264

[32] São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 148.

[33] *Ibidem*, n. 145.

J. Yániz

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/a-tarefa-da-nova-evangelizacao/> (29/03/2025)